

ARTIGO

A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA PÓS-GRADUAÇÃO DO IBICT

Heloisa Tardin Christovão
ECO/UFRJ - IBICT/CNPq

Resumo

Relata o surgimento do Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciência da Informação do IBICT e, do Curso de Documentação Científica/Curso de Especialização em Informação e Documentação (CDC). Analisa a origem das disciplinas que constituem o currículo. Apresenta uma visão internacional e local (IBICT/DEP) das mudanças da "Ciência da Informação".

Palavras-Chave

Ciência da Informação - Pós-Graduação
Pós-Graduação - IBICT

1 Recontextualização nº 1: "desde então até agora"

Quando aceitei escrever o presente artigo de opinião, o refletir sobre o seu tema transportou-me a agosto de 1970, data em que entrei para o IBBD (futuro IBICT) e em que pela primeira vez ouvi a expressão "Ciência da Informação". O transporte foi-me tranqüilo, agora que torno o meu olhar para algo já por mim mapeado e inúmeras vezes repensado.

Aquela por certo não foi uma época tranqüila. A ebulição que vi senti no ar e nas pessoas, tão diferente do ambiente da faculdade que então cursava, por si só já me despertava para aquele mundo que se me configurava mágico, audaz mesmo. "Nascia", feliz coincidência, o Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciência da Informação, com seu primeiro convênio com a UFRJ para mandato universitário assinado em junho de 1970.

"Nascia", dito assim entre aspas, pois de longe vinha na realidade o que hoje pode ser considerado a sua preparação. Em 1970 o IBICT já possuía tradição e excelência nas áreas de ensino e de comunicação da informação. Essa sua fase, embora documentada por alguns¹, carece ainda de estudos que a caracterizem melhor em sua complexidade.

¹ Ver, por exemplo, GOMES, H. E. (1981); GOMES, H. E. (1974); GOMES, H. E., ZAHER, C. R. (1972); NEVES, T. M. G. das (1992); SAMBAQUET, L. de Q. (1978).

Quanto à área de ensino, sua consolidação se deu principalmente por intermédio do Curso de Documentação Científica/Curso de Especialização em Informação e Documentação (CDC), criado em 1955, ministrado com mandato universitário da UFRJ a partir de 1964, com forte projeção internacional. Foi grande a afluência de alunos de outros países latino-americanos até meados da década de 70, a partir de quando não houve mais facilidade de obtenção de bolsas de estudo junto ao Itamaraty.²

Algumas facetas do CDC de então merecem destaque aqui: a) um número expressivo de seus docentes acumulava outras funções nos diferentes serviços do IBICT³; b) do seu currículo constavam disciplinas não oferecidas nas escolas de biblioteconomia; c) havia interesse em atrair estudantes de outras áreas⁴, e d) seu currículo foi alterado em 1967 a fim de que seu enfoque "(...) não se limitasse apenas à coleta, tratamento e disseminação do documento gráfico, mas que se estendesse à *Informação*".⁵ (grifo meu).

No que se refere à área de comunicação da informação, aqui vista em acepção mais ampla, as atividades desenvolvidas nos setores especializados do IBICT abrangiam todo o processo de geração, tratamento, recuperação e disseminação da informação científica e tecnológica (ICT).

Para desenvolvimento dessas atividades o IBICT contava com uma equipe multidisciplinar formada por seus próprios funcionários e por colaboradores externos oriundos de diferentes campos do conhecimento. Estes participam com relativa regularidade na coleta e processamento da informação, tendo sido no final da década de 60 e início da de 70 co-responsáveis no planejamento e implantação de sistemas automatizados adequados às necessidades do IBICT.

À época, a gestão de ICT era centralizada no IBICT por ainda estarem sendo formadas competências em outras instituições que pudessem gradativamente absorver e implementar ações nesse campo.

Os serviços especializados do IBICT se constituíam ainda em laboratórios para os alunos do CDC

que ali, por meio da prática supervisionada, tinham a oportunidade não só de aplicar conhecimentos como também de rendimensioná-los e recriá-los a partir de suas próprias vivências e interpretações da realidade, nesse exercício teórico-prático fruto de um ensino dinâmico e participativo.

É importante ressaltar que tanto em termos das atividades de ensino quanto àquelas de informação, o IBICT mantinha níveis de excelência similares aos de instituições congêneres de outros países, inclusive aqueles considerados centrais. Havia não só o equilíbrio e a sintonia com o estado-da-arte no campo da informação como também, ainda que mais implícita que explicitamente, uma política de informação⁶ que valorizava a formação de recursos humanos. Mais importante que a política em si, havia a vontade de realizá-la.

Foi justamente isso, aliado a uma visão de longo alcance e lúcida da questão informacional por parte da direção e corpo técnico do IBICT, e o devido apoio institucional, que permitiram não apenas o nascimento do Mestrado em Ciência da Informação como a implementação, paralelamente, das atividades de pesquisa, até então embrionárias.

2 Recontextualização nº 2: "e desde agora até então."

A formalização do que seria para o IBICT a Ciência da informação e de que maneira ela poderia contribuir para o desenvolvimento econômico-social do País se faz sentir nas primeiras comunicações sobre o Mestrado em Ciência da Informação (MCI) no início da década de 70: "A literatura internacional vem registrando há cerca de vinte anos, novas teorias no campo, quase todas de matemáticos e engenheiros, como consequência da aplicação de uma tecnologia nova. A estrutura dos cursos de biblioteconomia, que não possibilita base de conhecimento teórico em nenhum campo do conhecimento humano e ministra apenas técnicas(...), impede a transmissão dessas idéi-

2 GOMES, H. E., ZAHER, C. R. A experiência do IBBB na preparação de cientistas da informação. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO SOBRE PREPARAÇÃO DE CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO. 23-25 ago, 1972, México. *Anais*. Rio de Janeiro: IBBB, 1972. p.315-323.

3 Muitos eram egressos do CDC.

4 GOMES, H. E., ZAHER, C. R., op. cit., nota 2.

5 *Ibidem*. p.316.

6 Talvez nessa época não fosse possível ainda a formulação de tal política. Esta seria uma questão a estudar.

as em nível de graduação. (...) Tudo leva à convicção de que o Mestrado é uma das soluções para o problema, no momento. Assim, o interesse no recrutamento, para o Mestrado, de bacharéis de várias áreas, evidencia que a Ciência da Informação não está sendo considerada uma especialização, ou estudo aprofundado de uma área, cuja base o indivíduo foi buscar num curso universitário. Sendo interdisciplinar, beneficia-se ela dos métodos próprios dessas diversas disciplinas, sempre que possam, de alguma forma, contribuir para a compreensão das "propriedades, ao comportamento e fluxo da informação". (...) O interesse do Governo no estabelecimento de um sistema Nacional de *Informação Científica e Tecnológica*, como peça essencial ao desenvolvimento econômico-social, faz com que, dentro daquele contexto, o Instituto se arrogue o direito de continuar a formar recursos humanos para o desenvolvimento do Sistema".⁷ (grifos meus).

Em suas primeiras estruturas, o currículo do MCI refletia nitidamente a concepção de Ciência da Informação predominante a nível internacional.⁸ Sob esse ponto de vista, que perdurou pelos anos 70, esta, surgida no pós segunda guerra mundial e identificada como tal na década de 60, privilegiava o processamento e a disseminação da informação, com ênfase em sua organização e recuperação. Cristalizava-se como uma de suas principais tendências para o futuro, e de onde provinham as maiores expectativas, a investigação sobre os meios automáticos aplicados na solução de problemas informacionais tornados mais evidentes, e no jargão da época sintetizados na expressão "o tratamento ótimo (leia-se automático) da informação para a sua recuperação ótima (idem)" - o que ocorreu (a investigação) de forma massiva ao longo de toda a década de 80.

Estes mesmos problemas vistos sob o ponto de vista do usuário, em estudos englobados pela especialidade *Necessidades e Usos da Informação*, eram representados por outra expressão, também em jargão ca-

racterístico e tomada de caráter público: "como levar a informação certa ao usuário certo". Entretanto, essa especialidade não teve, como *Recuperação da Informação e Automação*, o mesmo tratamento intensivo nos anos 80.⁹

Ainda na década de 60 outra área se formalizava - a de Política de Ciência e Tecnologia, que veio a manter crescente interface com a Ciência da Informação a partir dessa mesma década, em parte significativa pela publicação de duas obras: a primeira em 1963, o livro "O desenvolvimento da ciência"¹⁰, do físico e historiador da ciência inglês, Derek de Solla Price, a segunda em 1972 pela National Science Foundation (EUA) com a assessoria do mesmo autor, o primeiro volume de indicadores científicos baseados na aplicação de métodos quantitativos à produção bibliográfica da comunidade científica de um país para fins de avaliação de seu desempenho.

A abordagem desenvolvida nessas obras abriu toda uma corrente de investigação cujos trabalhos têm sido classificados sob a denominação *Bibliometria*, a qual é percebida tanto como especialidade da Ciência da Informação, como da *Cientometria*, esta, por sua vez como área da *Sociologia do Conhecimento/Estudos Sociais da Ciência*.¹¹

Voltando à questão curricular do MCI, este teve a sua composição inicial abarcando preferencialmente a organização e a recuperação da informação, não deixando, no entanto, de dar abertura para questões teóricas e práticas também em especialidades menos "favorecidas" à época pela própria concepção de Ciência da Informação, como *Necessidades e Usos da Informação*, *Bibliometria/Sociologia do Conhecimento*, e *Comunicação Científica*, esta inextricável da anterior.

Essa situação foi relativamente afetada em nosso caso por uma questão conjuntural: sem dispor em seus quadros - ou tê-lo em disponibilidade no País - de

7 GOMES, H. E., ZAHER, C. R., op. cit., nota 2, p. 317-318.

8 Para análise dos currículos do MCI e informações sobre seus quadro de docentes ver: GONZALEZ DE GÓMEZ, M.N. *A configuração temática da Ciência da Informação no currículo dos cursos do IBICT: estudo de caso*. Orient.: Ana M.M. Cintra. Rio de Janeiro, 1982. 190 p. Diss. (Mest. Ci. Inf.) ECO/UFRJ/IBICT/CNPq; NEVES, T. M. G. das, op. cit., nota 1.

9 Essa história pode ser acompanhada de maneira mais atraente pelo exame da coleção do "Annual Review of Information Science and Technology" (ARIST), publicação da American Society for Information Science, com especial atenção para os conteúdos de seus volumes, editados primeiro por Carlos Cuadra (v.1, 1966 - v.10, 1975) e os subsequentes por Martha Williams (v. 11, 1976 - v. 27, 1992). Quanto a esta segunda editoria, se nota além de uma diferenciação substantiva em relação à primeira, outra na passagem dos 80 para os 90, sendo possível observar nas revisões, ainda que estas abarquem basicamente literatura norte-americana, a ênfase crescente no cunho social, em seu sentido amplo, da área de informação como um todo.

10 SOLLA PRICE, D. *O desenvolvimento da ciência*. Trad. Simão Mathias com colab. G. M. Braga. Rio de Janeiro: Livro Téc. e Cient., 1976. 77 p. (Ed. orig.: "Little science, big science. New York: Columbia, Univ. Press, 1963. 118).

11 Ver MULKAY, M. *Science and the sociology of knowledge*. London: G. Allen & Unwin, 1979. 132 p.; SPIEGEL-RÖSING, L. SOLLA PRICE, D. de (eds.). *Science, technology and society: a cross-disciplinary perspective*. Beverly Hills: Sage, 1977. 607 p., e VELHO, L. *Indicadores científicos: em busca de uma teoria*. *Inteciência*, v. 15, n. 3, p. 139-45, 1990.

peçoal com a titulação exigida e reconhecida para exercer a docência em nível de mestrado, o que não quer dizer que aqui houvesse profissionais capacitados para esse fim, o IBICT contornou o problema convidando alguns especialistas da Grã-Bretanha e dos EUA para ministrarem as cadeiras da "área de concentração" do MCI.¹²

No decorrer da década de 70 e seguinte, o quadro foi alterado com a formação de docentes/pesquisadores brasileiros que paulatinamente substituíram os professores estrangeiros na docência e na orientação de dissertações, e consolidaram linhas de pesquisa. Esses professores passaram a atuar não só nas especialidades cobertas pelos docentes do exterior, como em outras já agora mais evidenciadas como relevantes pelas mudanças de concepção relativas à Ciência da Informação, o que naturalmente implicou em alterações também na composição curricular do MCI.

A formação de pesquisadores/docentes brasileiros não foi um ato isolado dentro do contexto do IBICT. É preciso mencionar que em 1976, com a reestruturação do IBICT¹³, foram criadas a Divisão de Ensino e Pesquisa (DEP) e a Divisão de Estudos e Projetos (DEP), e o primeiro quadro de pesquisadores em Ciência da Informação no Brasil. Este quadro foi formado pelo reenquadramento de empregados do IBICT que desenvolviam atividades de ensino e pesquisa na carreira de pesquisador e pela contratação de pesquisadora na área.¹⁴

Coube à DEN assumir a coordenação dos cursos e da maior parcela das atividades de pesquisa até a

mudança do IBICT para Brasília, em 1983, quando foi desativada e seu quadro e atividades mantidos no Rio de Janeiro. Novo convênio foi assinado com a UFRJ, sendo o MCI integrado na estrutura acadêmico-administrativa da Universidade e os pesquisadores mantidos como empregados do CNPq à disposição do convênio.¹⁵ Essa situação perdurou até 1990 quando por nova reestruturação do IBICT a DEN foi recriada, agora na condição de Departamento (com a sigla DEP), voltando o convênio com a UFRJ a ser de mandato universitário.

No que se refere a recursos humanos, após 1976 e até meados da década de 80 houve a contratação direta pelo CNPq ou a transferência para o DEP no caso de pessoal já empregado pelo Conselho, de mais alguns pesquisadores. No mesmo período, parte do pessoal integrado à pesquisa e ao ensino antes de 1976, e após, foi para outros setores/instituições.¹⁶

Sem mais contratações posteriormente e contando com poucos e eventuais colaboradores externos, ficou assim formada a equipe presentemente responsável pelas atividades de ensino e pesquisa relativas ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), que passou a incluir recentemente o Doutorado na área.¹⁷

3 Recontextualização nº 3: "desde então até agora/e desde agora até então"

O PPGCI está sendo hoje foco de um intenso

12 Ressalte-se que a exigida e reconhecida pela UFRJ era aquela de doutor ou equivalente. A de doutor é mais homogênea nos diferentes países em termos de critérios e formas de obtenção. Já a questão da avaliação do que lhe seja equivalente, principalmente quando se a considera em diferentes contextos culturais me parece bem mais complexa do que se tem considerado, merecendo tratamento mais aprofundado, o que certamente iria influir nas decisões sobre o assunto. Ver o interessante estudo de Paulo Parda ("140 anos de doutorado e 75 de livre-docência no ensino de Engenharia no Brasil", Esc. de Eng. UFRJ, 1986) onde narra a origem dos títulos de doutor e livre-docentes no Brasil.

13 Em 1975 houve a reestruturação do CNPq, que passou a Cons. Nac. de Des. Cient. e Tecnol. Em 1976 foi a vez do, no caso, IBBD, que passou a IBICT. Obviamente a reestruturação não se limitou à mudança de nomes. Não é esse entretanto o momento para discussão do assunto (para fins de informação ver MOREL, R.L. de M. *Ciência e Estado: a política científica no Brasil*. São Paulo: TAQ, 1979. 162 p., e RODRIGUES, M.E.F. *A política científica e tecnológica no Brasil: análise das áreas de Engenharia de Minas, Metalurgia e de Materiais*. Orient.: H. Tardin Christovão. Rio de Janeiro, 1988. 173p. Diss. (Mest. Ci. Inf.) ECO/UFRJ-IBICT/CNPq. Acrescento somente que aquilo que parece ter sido destinado ao IBICT do "novo" discurso governamental nos anos que se seguiram foi o desmantelamento quase total de um trabalho sério e bem sucedido de gerações. Assim, ao afirmar "com a reestruturação do IBICT, acredito tê-lo feito mais em termos do reconhecimento de ação mais interna do que fruto de determinação externa que trouxesse mudanças substantivas - positivas - à política da Instituição. A preocupação do IBBD, no caso com a informação e o que daí decorre - em oposição a restrição ao registro gráfico - e com a formação de recursos humanos há muito havia sido internalizada e transformada em ação (ver item 1 e 1o. paragr. do item). Todo esse assunto, é claro, precisa ser alvo de maiores pesquisas.

14 Esta, autora do presente artigo, na época bolsista do CNPq na Instituição e cursando o MCI.

15 A rigor, os empregados do IBICT no período 1983-1990 ligados ao convênio passaram por uma série de "vinculações" administrativas sob as quais iam tomando conhecimento por meio das alterações observadas em seus contracheques.

16 Dentre os que permanecem até hoje, 3 foram contratados em 1980, 1 em 82 e 1 em 83. Dentre os transferidos, 2 o foram em 83 e 1 em 85.

17 Hoje em dia (ago. 93), para as atividades de ensino a pesquisa a equipe é constituída por 10 pesquisadores (8 doutores e 2 mestres), 1 técnico de desenvolvimento científico e 1 técnico em informação. Todos os mestres são doutorandos. Fazem parte também da equipe, distribuídos em atividades de apoio à pesquisa (pessoal da secretaria, biblioteca e laboratório) e exclusivamente de pesquisa, 7 téc. 20 NSE 4 NM. Quanto aos alunos, são 10 no DCI, 75 no MCI e 20 CDC (9 alunos/professor).

processo de discussão por parte de seu corpo docente¹⁸, visando a reformulação e a integração curricular dos três níveis de pós-graduação por ele incluídos, a harmonização de suas atividades e racionalização de seus recursos. Irei me deter aqui no primeiro objetivo.

A necessidade de reformulação curricular foi intensificada por três fatores. Os dois primeiros seriam institucionais: um interno ao IBICT, a criação do Doutorado em Ciência da Informação (DCI), e outro externo, a mudança da política de formação de mestres e doutores por parte da CAPES. Quanto ao terceiro, este seria decorrente do desenvolvimento da Ciência da Informação. A presente recontextualização será restringida à discussão deste.

Recentemente, 1991, em relato sobre a Conferência "Concepções de Biblioteconomia e Ciência da Informação" ("Conceptions of Library and Information Science" - CoLIS), realizada em Tampere, Finlândia, foi registrado por KAEGBEIN, EXON, que a partir de 1984, com o fim do "Forum Internacional para Pesquisa em Ciência da Informação" (International Forum for Research on Information Science" - IRFIS), não foram mais realizadas conferências internacionais dedicadas exclusivamente ao desenvolvimento teórico na área de Ciência da Informação.¹⁹

Assim, a Conferência de Tampere adquiriu ainda maior visibilidade por ter sido após quase dez anos, o fórum de apresentação de diferentes perspectivas da pesquisa na área (históricas, empíricas e teóricas) e seu desenvolvimento como disciplina.

Dentre os trabalhos apresentados à CoLIS²⁰ destaca-se a comunicação de SARACEVIC²¹ por constituir-se em revisão da pesquisa em Ciência da Informação nos EUA e Europa, que aborda a dinâmica da área, quer em função de diferentes interfaces com outras

disciplinas, consolidadas ou não, quer em função de seus próprios e peculiares imperativos, ou ambos. Torna-se patente a amplitude cada vez maior do que se entende pelo papel social da informação. Para Saracevic, a Ciência da Informação

"(...) teve e tem um forte papel social a desempenhar; ela tem uma forte dimensão social e humana, acima e além da tecnologia. Essas três características [as duas primeiras são a interdisciplinaridade e a conexão da Ciência da Informação com a tecnologia da Informação] ou leitmotiv, são o referencial para a compreensão do passado, do presente e do futuro da Ciência da Informação e para os temas e problemas com que ela se defronta".²²

Essa concepção de Saracevic pode ser melhor captada utilizando-se como referencial o agora já clássico "manual" editado por MACHLUP, MANSFIELD²³, que souberam colocar em perspectiva não apenas os problemas de uma disciplina, ou de um conjunto de disciplinas, mas toda uma recomposição da ciência contemporânea que vem sendo operada e cujas manifestações são relativamente difíceis de perceber por não se encontrarem, de alguma forma, institucionalizadas ou "esquemáticas" dentro dos padrões esperados por um número infelizmente ainda grande de profissionais da informação.²⁴

Curiosamente, uma das conclusões a que se chegou na Conferência de Tampere foi: "Sentiu-se mais importante definir as mudanças na Ciência da Informação, do que tentar defini-la como tal".²⁵ Neste sentido, reveste-se de especial significado, a afirmação de FERNANDES, de que

"(...) o entendimento da gestão da informação se dá a partir das *relações sociais* [grifo da autora] que, na era moderna, utiliza como um dos meios

18 O processo é aberto ao corpo discente e ex-alunos.

19 KAEGBEIN, P., EXON, F.C.A. Library and Information Science theory: grill, gravy-train, or grab-bag: a report on Conceptions of Library Information Science (CoLIS) Conference, 26-8 Aug. 1991, Tampere, Finland. Int. J. of Inf. & Libr. Res., v. 3, n. 3, p. 221-229, 1991. Os autores embora mencionem a realização a partir de 1987 e como "apêndice" da Reunião da IFLA, da "Int. Meeting on Res. into Info. St." (IMRIS) como uma exceção, alegam ser esta uma reunião que atrai pouca atenção, passando quase despercebida.

20 VAKKAKI, P., CRONIN, B (Ed.). Conceptions of Library and Information Science: proceedings of the CoLIS Conference, Tampere, 1991. Los Angeles: Taylor Graham, 1992.

21 SARACEVIC, T. Information Science: Origin, evolution and relations. In: VAKKAKI, P., CRONIN, B. op. cit., nota 20.

22 Idem. p. 1. Em inglês no original.

23 MACHLUP, F., MANSFIELD, U. (Eds.). The study of information; interdisciplinary messages. New York: John Wiley & Sons, 1983. 743 p.

24 Parece haver um medo, profundo e sutil, de que a ciência, liberta de seus esquemas disciplinares, permita, novamente, criar. Num certo sentido, o ato criativo é sempre desestabilizador. Esses pontos são tocados aqui e ali em ampla literatura, às vezes das mais inesperadas procedências - disciplinares e outras. Algumas sugestões, por sorteio: GOMES, R. Crítica da razão tupiniquim. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1980 [1977]. 112 p.; STENGERS, I. Quem tem medo da ciência? Ciência e poderes. São Paulo: Siliciano, 1990. 175 p.; SERRES, M. Filosofia mestiça. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 190 p.; WALSH, R.N., VAUGHAN, F. (Orgs.). Além do ego; dimensões transpessoais em Psicologia. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1980. 305p.; LeSHAN, L., MARGENAU, H. Einstein's space and Van Gogh's sky; physical reality and beyond. New York: MacMillan Publ., 1982. 268p. e obviamente Rubem Alves, Hilton Ferreira Japiassu ... e tantos outros. Uma bela jornada ir aos poucos descobrindo-os.

25 KAEGBEIN, P., EXON, F. C. A. Op. cit., nota 19, p. 223. Em inglês no original.

de (re)ligação um artefato chamado informação. O contato de cada indivíduo com estes artefatos é particular, embora socialmente influenciado, e obedece a um processo de entendimento particular, logo, necessita-se de um saber acerca da *psicologia* [grifo da autora] das motivações dos indivíduos.

Assim sendo, não há lugar onde se possa enquadrar a CI no atual quadro da Ciência ou das ciências. (...) Ou a CI não é uma ciência, ou para que venha a ser, deverão ser modificados os atuais critérios de cientificidade".²⁶

O mesmo problema, sob a ótica das composições complementares entre si, foi abordado por TELXEIRA: "(...) não se pode perder de vista o fato de que a ciência moderna (...) ao negar todo conhecimento que não está pautado por suas regras e seus princípios acaba por ocorrer o risco de subtrair de seus horizontes aquilo que é gerado por nossa experiência cotidiana, pelo nosso conhecimento acerca da vida que vivemos. (...) O que não é científico faz parte do senso comum, do conhecimento mágico, do que não tem rigor nem precisão. (...) [No entanto,] viver é coisa que conta com a magia, com equilíbrios não entendidos, com experiências de desejo e paixão".²⁷

Obviamente, a discussão do PPGCI está diretamente relacionada a percepções da área por parte dos profissionais que nele atuam. Parece claro (ou deveria parecer), que o redimensionamento observado nos últimos dez anos nas discussões sobre a Ciência da Informação, aqui considerado como um dos fatores intervenientes na necessidade de reformulação curricular da PGI, afeta de forma direta (ou deveria afetar) a operacionalização do ensino na área.

Aqui, a questão dos esquemas institucionalizados se torna mais aguda ao pretenderem alguns o currículo de Ciência da Informação, conjunto coeso de matérias que permita transmitir (diferente de construir 'a nível de indivíduo) um corpo de conhecimento sólido e fundamental.

Outra questão complementar à primeira, como ela também aguda e de consequências desastrosas, é aquela da "cisão" da área em "reduto" das abordagens teórico/sociais/culturais, e "reduto" das abordagens práticas/técnicas/anti-sociais (?).

Cisões dessa natureza, somadas a currículos encapsulados, por certo geram inquietante forma de combate a inovação e à criatividade. Além do que, não se coadunam nem com a ciência contemporânea e nem com a Ciência da Informação como percebida na atualidade. Muito menos com um programa de pós-graduação, que mesmo dentro de suas enormes limitações, soube manter-se flexível e aberto a novas idéias e percepções ao longo de sua história.²⁸

Julgo saudável, e divertido, tenho de admitir, a reflexão sobre interessante passagem de fonte de informação técnica, por acaso como sempre, caída em minhas mãos:

"The industrial mass-production society brought about a division between the arts and technology. Culture came to be associated solely with the humanities, literature, music, art - and pure science. It was and is a snobbish culture. Technology and industry are considered to be somehow at a lower level, tedious, dirty and certainly not creative activities. (...) The alienation between technology and culture has been reinforced by an education system which has organised itself to associate culture and creation and application of 'know-how' has been increasingly associated with all that is anti-social or at best a 'vulgar' art. (...) Society, influenced in attitude by the educational system, including its lack of understanding of technology, has in effect ostracised technology, industry, and industrial culture from its culture".²⁹

Enfim, uma das mais proficuas opções que a Ciência da Informação tem oferecido aos profissionais que nela atuam é a possibilidade de resgatar culturas pelo estudo dos diferentes tipos de informação em seus respectivos *habitats*, naturais ou artificiais. Teria sen-

26 FERNANDES, G. C. O que é Ciência da Informação: identificação através de relações conceituais a partir de três visões. *Orient.*: Maria Nélida González de Gomez e Rosalí Fernandez de Souza. Rio de Janeiro, 1993. 167 p. Diss. (Mestr. Ci. Inf.) ECO/UFRJ - IBICT/CNPq. p.142.

27 TELXEIRA, C. H. Interpretando o fenômeno da informação: estudo dos universos informativos como universos de narração. *Orient.*: Maria Nélida González de Gomez e Heloisa Tardim Christovão. Rio de Janeiro, 1992. 104 p. Diss. (Mestr. Ci. Inf.) ECO/UFRJ - IBICT/CNPq. p.9-10.

28 Ver NEVES, op. cit., nota 1.

29 SWEENEY, G.P. *Innovation, entrepreneurs and regional development*. New York: St. Martin's Press, 1987. 271 p. p. 32-33.

tido integrar ao espaço de nossa pós-graduação algumas das temáticas aí subentendidas e excluir outras? Ou não haveria espaço para todas as visões? Quem sabe a Ciência contemporânea não poderia ser (seria) o espaço apropriado e equânime de todas essas visões?

Terminada a presente construção de uma história, feita como todas as demais a base de sucessivas recontextualizações, deixo o leitor com duas contribuições, uma da Arqueologia e outra da Antropologia (ou seriam da Ciência da Informação?):

(1a.) "A recontextualização [grifo da autora] seria a utilização de um artefato [informação] num contexto diferente daquele no qual foi produzido. Assim podemos dizer que as peças num museu estão recontextualizadas, assim como as notícias num jornal, e os dados de um sistema. Todos esses três espaços organizam artificialmente informações que a princípio poderiam não ter relação nenhuma entre si. (...) Além desses existem vários outros exemplos de espaços, tempo e formas de recontextualização. No entanto demos esses três exemplos no intuito de demonstrar que o que compõe esses três espaços são pequenas cristalizações do passado, sejam de séculos passados ou do minuto passado. E essas cristalizações nada mais são do que informações. Informações que ligam tempos e espaços antes distantes.

(...)informação implicará sempre em recontextualização. Compreender uma informação é ato de tradução [grifo meu], onde o significado depende de seu contexto de emissão, recepção e da posição do intérprete em relação a esses contextos, seja esse intérprete um mero telespectador ou um profissional da informação".³⁰

(2a.) MEMÓRIA

Prever simplesmente -
é compor a Memória do futuro
para contagem regressiva
desde então até agora
e desde agora até então.

Prever - lei científica -
é compor a Memória do Futuro Necessário
para contagem regressiva
desde então até agora
e desde agora até então

Prever - excursão turística -
é compor a Memória do Futuro Livre
para contagem regressiva
desde então até agora
e desde agora até então.

Prever - apresentação, pontuação, recordação -
é compor a Memória do Futuro Capturado
como Futuro Sublimado
para contagem regressiva
desde então até agora
e desde agora até então

Antonio Rubbo Müller
(Antropólogo brasileiro)³¹

30 PACHECO, L. M. S. Informação e contexto: uma análise arqueológica. Orients.: Heloisa Tardin Christovão e Alfredo Mendonça de Souza. Rio de Janeiro: 1992. 116 p. Diss. (Mestr. Ci. Inf.) ECO/UFRJ-IBICT/CNPq, p.108-199. Para mim um artefato continua sendo um dragão imobilizado para preservação.

31 Poesia que abre o livro de Pasquale Di Paolo, Medicação política e integração humana; um estudo sociológico do poder. Belém: UFPA-CEPAS, 1987. 294p.

Abstract

The emergence and development of the Master Course in Information Science and the Specialized Course in Information and Documentation of the Brazilian Institute for Information Science and Technology (IBICT) is described here. The origin and the characteristics of courses and curriculum are analysed. An international and local (IBICT/DEP) perspective of changes in the Information Science field is presented.

4 Bibliografia

- DIPAULO, P. *Meditação política e integração humana*; um estudo sociológico do poder. Belém: UFPA/CEPAS, 1987. 294 p.
- FERNANDES, G. C. *O que é Ciência da Informação: identificação através de relações conceituais a partir de três visões*. Orients.: Maria Nélide González de Gomez e Rosali Fernandez de Souza. Rio de Janeiro, 1993. 167 p. Diss. (Mest. Ci. Inf.) ECO/UFRJ- IBICT/CNPq.
- GOMES, H. E. Como vai o sistema de Comunicação na Ciência da Informação? *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 71-73, 1981.
- GOMES, H. E., ZAHER, C. R. A Ciência da Informação e suas implicações na formação de recursos humanos. In: CONGRESSO REGIONAL SOBRE DOCUMENTAÇÃO, 3. Lima. *Anais*. Rio de Janeiro: IBBD, 1972. p. 422-433.
- _____. A experiência do IBBD na formação de cientistas da informação. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO SOBRE PREPARAÇÃO DE CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO. 23-25 ago. 1972, México. *Anais*. Rio de Janeiro: IBBD, 1972. p. 315-323.
- _____. Experiência do IBBD em programas de pós-graduação. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v.3, n.1, p.13-26, 1974.
- GOMES, R. *Crítica da razão tupiniquim*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1980. 112 p
- GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. *A configuração temática da Ciência da Informação no currículo dos cursos do IBICT: estudo de caso*. Orient.: Ana Maria M. Cintra. Rio de Janeiro, 1982. Diss. (Mest. Ci. Inf.) ECO/UFRJ-IBICT/CNPq.
- KAEBIN, P., EXON, F. C. A. Library and Information Science theory: grail, gravy-train or grab-bag: a report on Conceptions of Library and Information Science (CoLIS). Conference, 26-28 Aug. 1991, Tampere, Finland. *Int. J. Inf. & Libr. Res.*, v.3, n.3, p. 221-229.
- LESHAN, L., MARGENAU, H. *Einstein's space and Van Gogh's sky; physical reality and beyond*. New York: MacMillan, 1982. 268p.
- MACHLUP, F., MANSFIELD, U. (Eds.). *The study of information; interdisciplinary messages*. New York: John Wiley and Sons, 1983. 743p.
- MOREL, R. L. de M. *Ciência e estado; a política científica no Brasil*. São Paulo: TAQ, 1979. 162 p.
- MULKAY, M. *Science and the sociology of knowledge*. London: G. Allen & Unwin, 1979. 132 p.
- NEVES, T. M. G. das. *Histórias e temáticas do Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT*. Orient.: Heloísa Tardin Christovão. Rio de Janeiro, 1992. 268p. Diss. (Mest. Ci. Inf.) ECO/UFRJ - IBICT/CNPq.
- PACHECO, L. M. S. *Informação e contexto: uma análise arqueológica*. Orients.: Heloísa Tardin Christovão e Alfredo Mendonça de Souza. Rio de Janeiro, 1992. 116p. Diss. (Mest. Ci. Inf.) ECO/UFRJ - IBICT/CNPq.
- PARDAL, P. *140 anos de doutorado e 75 de livre-docência no ensino de Engenharia no Brasil*. Rio de Janeiro: Escola de Engenharia da UFRJ, 1986.
- RODRIGUES, M. E. F. *A política científica e tecnológica no Brasil: análise das áreas de Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais*. Orient.: Heloísa Tardin Christovão. Rio de Janeiro: Diss. (Mest. Ci. Inf.) ECO/UFRJ - IBICT/CNPq.
- SAMBAQUY, L. de Q. Da Biblioteconomia à Informática. *Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 51-60, 1978.
- SARACEVIC, T. *Information Science: origin, evolution and relations*. /s. n. t./

- SERRES, M. *Filosofia mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 190 p.
- SOLLA PRICE, D. *O desenvolvimento da Ciência*. Trad. Simão Mathias com colab. Gilda M. Braga. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976. 77 p. (Ed. orig: Little Science, big science. New York: Columbia University Press, 1963. 118 p.)
- SPIEGEL - RÖSING, I., SOLLA PRICE, D. de (Eds.). *Science, technology and society; a cross-disciplinary perspective*. Beverly Hills: Sage, 1977. 607 p.
- STENGERS, I. *Quem tem medo da Ciência? Ciência e poderes*. São Paulo: Siciliano, 1950. 175 p.
- SWEENEY, G. P. *Innovation, entrepreneurs and regional development*. New York: St. Martin's Press. 1987. 271p.
- TEIXEIRA, C. H. *Interpretando o fenômeno da Informação: um estudo dos universos informativos como universos de narração*. Orients.: Maria Nélide González de Gomez e Heloísa Tardin Christovão. Rio de Janeiro, 1992. 104p. Diss. (Mest. Ci. Inf.) ECO/UFRJ - IBICT/CNPq.
- VAKKAKI, P., CRONIN, B. (Eds.). *Conceptions of Library and Information Science*. In: COLIS CONFERENCE. 1991, Tampere. *Proceedings*. Los Angeles: Taylor Graham, 1992.
- VELHO, L. Indicadores científicos: em busca de uma teoria. *Interciência*, v.15, n.3, p.139-145, 1990.
- WALSH, R. N., VAUGHAN, F. (Orgs.). *Além do ego; dimensões transpessoais em Psicologia*. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 1980. 305p.